



A Profissionalização da câmera amadora¹

Carla Tatiana ARANTES²

Patrícia Monteiro Cruz MENDES³

Paloma Faustino Dantas de SOUSA⁴

Faculdade Maurício de Nassau, João Pessoa, PB

RESUMO

A violência é um dos assuntos preferenciais do jornalismo atual. A cobertura dos fatos policiais encontra, assim, um amplo espaço nos telejornais. Mais do que retratar ou reconstituir os fatos, as emissoras ocupam-se em capturar a realidade do modo mais fiel possível. Nesse esforço, o uso de câmeras amadoras e a profissionalização de indivíduos que utilizam aparatos eletrônicos de captação audiovisual de baixa resolução aparece como uma estratégia eficaz. Neste artigo, pretende-se investigar como esse material é apresentado no telejornalismo local. Para isso, serão analisadas 15 matérias exibidas no JPB 1ª edição – telejornal da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo na Paraíba – em que são exibidas imagens e entrevistas feitas com equipamento amador.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Câmeras amadoras; jornalismo apócrifo; audiovisual.

INTRODUÇÃO

A utilização de material audiovisual produzido por fontes amadoras vem sendo objeto de estudo de alguns pesquisadores brasileiros (ANDRADE, 2010; BACIN, 2006; GUTMANN, 2011) que são, inclusive, referência no desenvolvimento deste trabalho. Os autores mostram que, no processo de construção da realidade que se deseja retratar nos telejornais, tais capturas de áudio e imagem se tornam “a prova” do que é dito pelo jornalista.

A construção textual da notícia tem como base vídeos produzidos por telespectadores ou até repórteres disfarçados que se utilizam de câmeras fotográficas, filmadoras portáteis, telefones celulares e equipamentos de vigilância para registrar uma

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Autora. Especialista em Marketing e Negócios pela UFJF. Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau. Membro da Rede de Pesquisa sobre Telejornalismo do SBPJor. email: ctarantes@gmail.com

³ Coautora. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFPE. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo da UFPB (Grupecj email: patriciamonteiro Mendes@gmail.com)

⁴ Coautora. Estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: paloma_faustino@hotmail.com



imagem diferente, inusitada, chocante, comprobatória. Nesses produtos, a baixa qualidade da imagem ou do som perde importância no momento em que se tem a possibilidade de exibir uma notícia nova, um *fait-divers*.⁵

Neste trabalho, destacamos o estudo de um recurso muito utilizado por emissoras de televisão no estado da Paraíba, especialmente em João Pessoa: o material audiovisual capturado com equipamento amador, por profissionais contratados pelas empresas de comunicação. Com câmeras fotográficas, esses “videorepórteres” vão ao local do fato, gravam, fazem perguntas às fontes oficiais e testemunhas presentes no local e entregam este material ao editor do telejornal, que definirá a forma de exibição.

Compõem o corpus desta análise qualitativa, em que buscamos abordar o conteúdo do objeto, sem nos ater a dados quantitativos que possam ser generalizados, 15 vídeos - entre reportagens, sonoras e notas cobertas - exibidos no JPB 1ª edição, telejornal local da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo em João Pessoa, entre os dias 17 e 29 de março de 2014. Todos contêm material audiovisual produzido por Walter Paparazzo, “videoreporter” que começou a atuar no telejornalismo paraibano como freelancer e hoje é contratado exclusivo da emissora.

IMAGENS AMADORAS E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE NO TELEJORNALISMO

TV é imagem. Ou, como disse Vera Íris Paternostro (1999), é “informação visual”. A TV é onde se vê a notícia. Isso é o que a diferencia das outras mídias e a torna o veículo de comunicação mais popular do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, 96,88% da população tinham aparelho de TV em casa. O número de domicílios com rádio representava, no mesmo ano, 83,43%.⁶

Quem produz informação para televisão deve ter plena consciência disso: está falando para uma grande e heterogênea parcela da população, e tem como ponto de partida de suas histórias aquilo que será visto pelo público. “A imagem é mais forte do que a palavra, a imagem diz o que a palavra não traduz.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 61).

⁵ Termo introduzido por Roland Barthes, no livro *Essais Critique* (1946), que significa fatos diversos que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices.

⁶ Os dados estão disponíveis no espaço *Séries Históricas e Estatísticas* do site do IBGE (www.ibge.gov.br), que, entre outros temas, faz o levantamento anual de bens duráveis em domicílios brasileiros.



Bacin (2006), apropriando-se de Winck (2006), vai além. Afirma que “o desenvolvimento vertiginoso da linguagem audiovisual foi um dos maiores fenômenos estéticos e sociológicos no Século XX. [...] Estima-se que existam mais telespectadores do que a soma dos leitores na história do Ocidente”. A força da televisão enquanto meio de propagação de informação e entretenimento se torna ainda maior quando unida à internet.

“A associação da televisão ao computador e à telefonia móvel irá permitir que o público acesse a uma gigantesca rede de comunicações. Essa rede interligará residências, empresas, escolas, sindicatos, computadores pessoais, telefones etc. a uma malha de projetistas e prestadores de serviços, de informação e de entretenimento sem precedente na história da humanidade.” (WINCK apud BACIN, 2006, p. 18)

Entretanto, há autores que questionam a forma como a televisão, inclusive os telejornais, (re)tratam a realidade, dando mais espaço às regiões ricas em detrimento das mais pobres; “suprindo e ignorando a carência da leitura escrita e vendendo modelos idealizados, na maioria das vezes opostos à realidade das ruas e do campo”. (RENAUT apud BACIN, 2006, p. 22).

Diante deste cenário de crescimento da interatividade entre público e televisão, e construção da realidade, ganha destaque o jornalismo participativo ou “jornalismo apócrifo” (ANDRADE, 2010). O telespectador participa efetivamente da elaboração do telejornal à medida em que registra imagens noticiosas e as envia às redações. “O efeito de verdade surge exatamente da sensação de que a imagem cedida, independente da fonte, é descolada da linha editorial do veículo de comunicação – já que foi capturada pelo telespectador/autor, parece ser sincera” (ANDRADE, 2010).

Para assegurar o efeito de verdade, a qualidade da imagem já não se torna essencial, indo, de certa forma, na contramão do que se prega com investimento cada vez maior em tecnologia, em equipamentos geradores de sinais de alta definição⁷. As fontes amadoras se utilizam de recursos caseiros na captura de material audiovisual – filmadoras portáteis, câmera fotográficas, telefones celular, equipamentos de vigilância – que produzem imagens de baixa resolução.

Para Juliana Gutmann (2011), o objetivo das empresas de comunicação ao utilizarem esse material é “estimular no telespectador curiosidade pelo olhar diferente,

⁷ Segundo pesquisa da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), cada transmissor de sinal HD custa de 2 milhões a 3 milhões de reais. Disponível em http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=12319&assuntoPublicacao=Televis%E3o%20Digital%20no%20Brasil&caminhoRel=Cidadao-Biblioteca-Acervo%20Bibliogr%E1fico&filtro=1&documentoPath=biblioteca/publicacao/pesquisa_tvdigital.pdf



ao mesmo tempo em que ensaia uma maior aproximação com este interlocutor que ganha status de fonte de informação”. Segundo a pesquisadora, no início deste século, as imagens produzidas por telespectadores eram exibidas de forma destacada, com o crédito de cinegrafista amador impresso sobre a imagem ou configuradas pelo caráter de denúncia. Atualmente, para Gutmann, a produção amadora ganhou “status poético nos telejornais”, constituindo-se como marca no telejornalismo.

Como consequência, o efeito de certificação de real aumenta na medida em que os testemunhos vindos de tais registros eletrônicos são configurados, na matéria, como uma espécie de prova legítima do que é dito no texto verbal. (GUTMANN, 2011)

Daí surge, então, um fenômeno ainda pouco estudado⁸, mas que pode ser observado há alguns anos nos telejornais, especialmente na Paraíba: a exibição de material audiovisual de baixa definição capturado, não por telespectadores ou fontes amadoras que cedem a imagem no intuito de contribuir com a construção da notícia, mas por profissionais, “videorepórteres”, contratados para registrar os fatos, utilizando-se, para isso, de câmeras fotográficas.

AS IMAGENS DE WATER PAPAZZO NA TV CABO BRANCO

A TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo na Paraíba, há anos trava uma disputa pela audiência com sua principal concorrente, a TV Correio, afiliada da Rede Record. O horário das 12h é “a pedra no sapato” da emissora Global. De acordo com pesquisa realizada na capital paraibana pelo Ibope, entre 13 e 19 de agosto de 2013, a audiência da TV correio no horário era de 55,3% contra 20,8% da concorrente. Enquanto a afiliada da Record apresenta o programa policial local Correio Verdade, de cunho popular, a concorrente exhibe o telejornal local JPB 1ª edição. A contratação de Walter Paparazzo foi uma das maneiras encontradas pela TV Cabo Branco para acompanhar as ocorrências policiais. Paparazzo já havia trabalhado como freelancer para emissoras com programação de cunho popular, que priorizam o noticiário policial. A inserção dele na equipe da TV Cabo Branco reforça a tendência do telejornalismo nos últimos anos: a aproximação cada vez mais estreita com a linguagem e o cotidiano do senso comum.

⁸ Este é o início de uma pesquisa que pretende se aprofundar no assunto, questionando os aspectos editoriais que levam à contratação, por parte das emissoras de TV da Paraíba, de profissionais que utilizam que equipamentos amadores na captura de registros audiovisuais; a forma como o telespectador recebe a notícia por este meio; o crescimento da “profissionalização do registro amador” de material audiovisual.



Nas edições do JPB analisadas para este trabalho, percebemos que a maioria dos fatos em que foram usadas imagens de Walter Papparazzo é de ocorrências policiais ou acidentes de trânsito. Na edição do dia 17 de março de 2014, por exemplo, foram cinco notícias baseadas em material audiovisual produzido pelo “videorepórter”, sendo três batidas de automóveis, o caso de um jovem que se feriu surfando e teve que ser socorrido por militares do Corpo de Bombeiros e o de um homem baleado em uma tentativa de assalto. É importante frisar, no entanto, que, das 12 edições analisadas, cinco não apresentavam nenhum vídeo creditado a Papparazzo, o que nos faz perceber que, apesar deste material ser importante para a construção do telejornal, não existe uma relação de dependência para a emissão das notícias diárias.

A maior parte do material produzido por Walter Papparazzo para a TV Cabo Branco é apresentada no JPB 1ª edição em forma de nota coberta ao vivo. O apresentador faz uma rápida cabeça⁹ que varia de dois a sete segundos, e logo são exibidas as imagens, enquanto o apresentador continua lendo o texto da notícia. A duração dessas notas não passa de 38 segundos, com nota pé. É curioso notar que, nessas notas, o áudio ambiente é suprimido. Para Barbeiro e Lima (2013, p. 102), “os sons de carros no trânsito, chuva, buzinas, execução de uma música, refrão de torcedores e manifestantes dão um ‘colorido’ especial à reportagem”. Os textos são diretos e objetivos e não se faz menção ao fato de as imagens não serem da mesma qualidade técnica que as captadas pelos equipamentos padrão da emissora. Durante a exibição, é colocado apenas o crédito “imagens Walter Papparazzo”.

Apresentador: E um acidente agora há pouco, que envolveu dois carros (entram imagens), na BR-230, em Cabedelo (entra crédito por 5”), deixou o trânsito lento para os motoristas que seguiam de João Pessoa para a cidade vizinha. Alguns condutores tiveram que seguir por pistas locais, paralelas. Segundo informações da PRF, ninguém ficou ferido. (fim das imagens) (JPB 1ª edição, 17/03/2014)

A produção de Walter Papparazzo não se limita à gravação de imagens. O profissional também costuma fazer entrevistas, principalmente com fontes oficiais, no local da ocorrência. Para isso, ele não utiliza, no entanto, microfone direcional. As perguntas e respostas são captadas pelo microfone da câmera e utilizadas em notas e VTs, mesmo com toda a “poluição” sonora do ambiente. Em alguns casos, é utilizada apenas a sonora depois da cabeça do apresentador, sem texto em off.

⁹ Termo que indica o texto lido pelo apresentador do telejornal em estúdio antes das notas cobertas, reportagens, vivos e entrevistas.



Cabeça: E não demorou muito, gente, para que a polícia fosse novamente chamada. Dessa vez, a ocorrência foi no Bairro das Indústrias, aqui na capital. O corpo de um homem foi encontrado em uma área com poucas casas.

Sonora (delegado Paulo Josafá): Ela foi encontrada nesse local aqui, praticamente sem... a residência mais próxima daqui dá mais de dois quilômetros. E de forma que ela foi encontrada com um saco na cabeça, e o pescoço amarrado com um fio, né? Um fio elétrico, um fio desse de eletricidade, envolta do seu pescoço. Não temos mais outras informações. Escassez de testemunha total.

Nota pé: E, de acordo com a polícia, o corpo ainda não foi identificado. (JPB 1ª Edição, 19/03/2014)

Existem, ainda, os casos em que o material audiovisual produzido por Walter Papparazzo é incorporado aos VTs, seja na produção do factual ou em suítes. Na edição do dia 17 de março de 2014, uma segunda-feira, a repórter Linda Carvalho foi ao bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa, repercutir uma tentativa de assalto em que um homem acabou baleado. O fato fora registrado no sábado anterior pelo “videoreporter” Walter Papparazzo e as imagens utilizadas para cobrir o off em que a repórter cita a ocorrência.

Off: (Imagens em plano aberto da rua) Nesta segunda-feira, a rua Raimundo Carvalho da Nóbrega (crédito “imagens Marcos Cardoso”), no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa, amanheceu deserta. (Imagens noturnas da noite do crime. A diferença na qualidade é perceptível, a câmera balança, produzindo efeito “tremido” às imagens) No último sábado, bandidos tentaram assaltar esta distribuidora de pães. (crédito “imagens Walter Papparazzo).

Passagem: (Plano aberto, repórter caminha pela rua até encostar no muro onde fica a pequena abertura citada no texto) Era por volta das duas horas da tarde quando dois homens, em uma moto, anunciaram o assalto por esta janelinha aqui.

Off: (imagens do dia do crime, de Walter Papparazzo) Do outro lado estava (sic) o empresário Marcos Teixeira da Silva e o filho dele de nove anos. Quando Marcos percebeu a movimentação dos bandidos com uma arma, ele empurrou o filho e foi atingido por dois tiros no abdômen. (Imagens da portaria do hospital, no dia do crime, de Walter Papparazzo) Marcos Teixeira foi socorrido no Hospital de Emergência e Trauma da capital, onde continua internado em estado regular. Ninguém da família quis gravar entrevista. (JPB 1ª Edição, 17/03/2014)



O que se percebe nesta reportagem é que houve a tentativa de “esquentar”¹⁰ a notícia enviando a repórter ao local do crime dois dias depois, mas toda a história se baseia nos registros feitos por Walter Papparazzo no sábado. Já na edição do dia 25 de março de 2014, o repórter Herbert Araújo e o cinegrafista Alexandre Frazão foram ao local da ocorrência, mas, pelo que nos indica a construção da reportagem, eles chegaram depois de Walter Papparazzo, que conseguiu flagrar o momento do socorro à vítima. Esse matéria audiovisual registrado pelo “videoreporter” foi incorporado à matéria de Araújo.

Off: (take aberto do engarrafamento) *O trânsito, normalmente lento da avenida Pedro Segundo (crédito “imagens Alexandre Frazão e Walter Papparazzo) no começo da noite, (close das pessoas colocando a cabeça para fora da janela do ônibus) piorou por causa da curiosidade de quem passava. (imagem de qualidade inferior, mostra a ambulância cruzando a pista) A ambulância do Samu conseguiu atravessar a rua congestionada, (imagem com qualidade padrão, mostra pessoas na parada de ônibus) mas para o homem que estava na parada de ônibus, o socorro não adiantaria.*

Sonora: (take fechado no rosto do entrevista, sem microfone. Áudio poluído, o que dificulta a compreensão de alguns trechos. Entrevistado não foi creditado. Crédito “Entrevista para Walter Papparazzo” *A vítima foi alvejada com vários tiros na cabeça, sem chances. Infelizmente não deu para salvar, não.*

Off: (foto da vítima) *Jailson Gomes dos Santos, de 37 anos, foi atingido.*

Sonora: (Entrevista concedida ao repórter pelo delegado Braz Marrone) *Dois indivíduos passaram aqui numa moto Fun, uma Honda Fun, e efetuaram mais de cinco disparos, né? Ocasionalmente três vítimas, sendo que uma, infelizmente, faleceu no local, uma foi socorrida para o Trauma e outra para o Trauminha. [repórter pergunta: Um dos baleados, ele tinha antecedentes criminais?] Tem, o que foi levado para o Trauma. Já tem passagem pela polícia e agora vai ser visto pelos crimes e saber se tem a ver com esse crime, né?*

Sonora: (Entrevista concedida ao repórter pelo capitão da Polícia Militar Mailson Cordeiro) [repórter pergunta: *essas três pessoas tinham relação entre si, se estavam juntas, né?*] *Ainda não tem essa informação. Devido a ser uma parada de ônibus, o pessoal já deve ter se locomovido para suas residências, não falaram (sic) nada com a polícia até o momento. (JPB 1ª Edição, 25/03/2014)*

Neste caso, o material audiovisual produzido por Walter Papparazzo não se mostra relevante para a construção da reportagem, uma vez que o repórter esteve no

¹⁰ Termo utilizado no jargão jornalístico para se referir ao trabalho de buscar novidade para um fato antigo, mas que ainda não foi noticiado.



local da ocorrência, conversou com as fontes e teve a oportunidade de coletar informações suficientes para noticiar o fato. No entanto, há a incorporação das imagens e da sonora feita pelo “videorepórter” como uma afirmação de que a equipe de reportagem não perdeu nenhum detalhe da história. Estava presente desde o início, quando as vítimas foram socorridas.

Em um cenário de grande concorrência entre as emissoras de TV locais, esses detalhes são valorizados pelos editores. A apuração baseada em relatos perde importância diante da possibilidade de apresentar o registro em som e imagem de um determinado momento, ainda que a qualidade de captura do audiovisual não atenda aos padrões de qualidade buscados pela emissora. A utilização do material atesta o efeito de verdade dos fatos narrados, uma mostra de que, no jornalismo atual, a construção da notícia passa pela proximidade com o real.

É a partir de uma construção do real – e não da realidade propriamente dita – que o jornalismo abarca ideais como objetividade e verdade, configurando, por meio da notícia, uma feição de realidade aos fatos narrados.

Como discorre Alfredo Vizeu (2002), o telejornal é um lugar de referência, por meio do qual as pessoas se sentem seguras e têm a noção de que alcançam a natureza dos fatos e das situações. Ou seja, um determinado acontecimento passa a ser digno de crédito e até incontestável, para muitos cidadãos, pelo simples motivo de ‘aparecer na mídia’. Desse modo, o uso de câmeras amadoras, de imagens distorcidas, com pouca qualidade pode até assegurar o efeito de credibilidade de um determinado assunto, fortalecendo a emissora que o veiculou. Para o telespectador, fica a impressão: o mais importante é a apresentação do fato e não a sua qualidade técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até que ponto a ampla valorização das câmeras amadoras, a profissionalização de videorepórteres como Paparazzo e o uso de imagens feitas por indivíduos comuns (que cotidianamente procuram as redações de TV oferecendo uma “filmagem caseira”) comprometem os diferentes ângulos da notícia e o próprio papel do jornalista como mediador das informações e das fontes noticiosas? De que modo o cidadão-consumidor de TV pode reivindicar o direito a uma “TV de qualidade” nesse tempo no qual a “briga pela audiência” redunde em toda sorte de material veiculado? Estas são algumas questões provocadas pelo material analisado. Para efeito do presente artigo, nos



detivemos numa análise preliminar da profissionalização do videorepórter Walter Papparazzo. Na certeza de que o assunto é vasto e suscita questões ainda não respondidas por este artigo, pretende-se perceber de que modo o uso das câmeras amadoras, em plena discussão em círculos cotidianos e acadêmicos, incide nos telejornais paraibanos, fundando um novo fazer noticioso, no qual construção da realidade e veracidade da notícia convergem a bem de um telejornal cada vez mais próximo do cotidiano das grandes cidades, onde a violência é pauta diária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. P. G. **Telejornalismo Apócrifo: Imagens de Câmeras de Vigilância e Vídeos Amadores na Construção da Narrativa Telejornalística**. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

BACIN, M. L. S. **A fonte amadora na construção da realidade no telejornalismo**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, 2006.

HERÓDOTO, B; LIMA, P. R. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

GUTMANN, J. F. **Testemunhos audiovisuais amadores no telejornalismo: inversão poética do princípio da certificação do real?**. In: Análises do Telejornalismo (2011).

Disponível em:

http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/gutmann_juliana.pdf.

Acessado em: 22 de março de 2014

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

VIZEU, A. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística**. In: BOCC (2002). Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-producao-sentidos-enunciacao.pdf> Acesso em: 29 de março de 2014